

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE NOVAS TECNOLOGIAS, EDUCAÇÃO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

*Maria Luciane da Silva**
*Maria Lucilene da Silva***
*Anne Francialy da Costa Araújo****

Resumo

Este artigo é resultado de um projeto maior que procura entender as relações entre as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) e o ensino de Língua Portuguesa no IF-AL. Aqui, o objetivo é tecer algumas reflexões sobre a Sociedade da Informação e do Conhecimento e o impacto das TIC's para a educação e, em especial, para o ensino de língua portuguesa. Para tanto, utiliza dados bibliográficos, fundados especialmente nas contribuições de Ára (2001), Castells (1999), Lévy (1999), entre outros, para apontar o que é essa Sociedade e como as TIC's se interconectam com as mudanças no mundo contemporâneo e com uma "nova relação com o saber".

Palavras-chave: Novas tecnologias. Educação. Língua Portuguesa.

Abstract

This article is the result of a larger project that seeks to understand the relationships between the new Information and Communication Technologies (ICTs) and the teaching of Portuguese Language in the IF-AL. Here, the goal is to make some reflections on the Information Society and Knowledge and the impact of ICTs for education and, in particular for the teaching of Portuguese language. We also use the bibliographic data, based especially on the contributions of Ára (2001), Castells (1999), Lévy (1999), among others, to point out what is this society and how ICTs are interconnected with changes in the contemporary world and with a "new relationship with knowledge."

Keywords: New technologies. Education. Portuguese.

*Mestre em Educação - UFPB, professora de Língua Portuguesa do IFAL - marialuciane@uol.com.br

**Doutora em Letras - UFAL, professora de Língua Portuguesa do IFAL - marialucilene@hotmail.com

***Doutora em Letras - UFAL, professora de Metodologia e Psicologia da SEUNE - annefrancialy@hotmail.com

Introdução

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96) menciona, de maneira clara e objetiva, nas diretrizes específicas para os currículos do Ensino Médio, no seu artigo 36, o uso e domínio das tecnologias como forma de acesso ao mundo moderno, em decorrência das novas exigências impostas pelo desenvolvimento tecnológico e social. Para que isso ocorra, no entanto, é preciso pensar e garantir o acesso a uma educação que contribua, de fato, para o pleno desenvolvimento do educando.

Considerando a língua como princípio da identidade de um povo e como elo que perpassa todas as questões educativas, faz-se necessário observar, estudar e analisar como se dá a relação entre a aquisição de novos conhecimentos no ensino da Língua Portuguesa (LP) e as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's).

Esse é o ponto de partida que nos motivou a realizar um Projeto que estuda como vem se constituindo a relação ensino de LP e as TIC's no contexto do Instituto Federal de Educação de Alagoas – IF-AL. O intento é, a partir da análise empreendida, mostrar se ocorre ou não o uso das TIC's no processo ensino-aprendizagem de LP no IF-AL e, se não ocorrer, como se realizará a inserção dessas novas tecnologias, considerando que, de acordo com a LDB 9394/96, a escola deve possibilitar e inserir o uso dessas ferramentas educativas como forma de desenvolvimento individual e coletivo.

Este artigo expõe a primeira etapa desse objetivo, analisando-se o que é a Sociedade da Informação e do Conhecimento e quais os seus desdobramentos para a educação, indicando já algumas das conexões disso com o ensino de língua portuguesa.

Utiliza, para tanto, como fundamento teórico, as reflexões erigidas por Área (2001), Castells (1999) e Lévy (1999), entre outros.

1 Sociedade, informação, conhecimento

A nossa abordagem faz parte de um consenso que afirma que os indivíduos estão vivendo em um novo contexto econômico, social e cultural que congrega diversas denominações: sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade pós-industrial, sociedade pós-moderna, sociedade tecnológica, sociedade da aprendizagem e outras, ocorrendo aí um problema terminológico, conceptual e ideológico, revelando visões múltiplas desse novo contexto e uma forma diferenciada de compreendê-lo.

Neste estudo, optamos por considerar a atual sociedade, redesenhada pelas tecnologias da informação e comunicação como sociedade da informação e do conhecimento, porque as ferramentas para gerar, armazenar, transmitir e acessar a informação, que é a matéria-prima do conhecimento e sua aplicação para gerar novos conhecimentos, apontam para a capacidade de o indivíduo ir aprendendo ao longo da vida inteira.

Essa sociedade caracteriza-se pelo crescimento exponencial de informação produzida e distribuída pela velocidade do desenvolvimento e pela diversificação dos suportes de informação, colocando ao alcance dos cidadãos conectados um volume de informação e conhecimento elaborado, possuindo esses indivíduos os mesmos recursos biológicos, intelectuais e afetivos para captar, entender e dar sentido a essa informação (GIL, 2001).

Com base no pensamento de ÁREA (2001), podemos deduzir, para uma abordagem mais aprofundada, que a sociedade da informação e do conhecimento envolve uma tipologia do discurso: o discurso tecnológico e o discurso pedagógico.

O discurso tecnológico, propagado pelos governos, empresas, campanhas publicitárias e pelos meios de comunicação sobre os encantos da sociedade da informação e do conhecimento, tendo como consequência uma vida mais confortável e a superação de todas as necessidades humanas, é um equívoco.

Em termos de distribuição dos bens econômicos e sociais, caminhamos para uma sociedade perversa, alentadora de uma distribuição desigual dessas riquezas e com um enorme poder e novas formas de controle e vigilância sobre os indivíduos. Entretanto, em alguns aspectos, não podemos negar que essa sociedade tecnológica proporciona facilidades de comunicação e um volume de informação jamais presenciado na história da humanidade.

Comungamos com ÁREA (2001), quando insiste em afirmar que a sociedade da informação e do conhecimento, dentre outras características, é fundamentalmente um novo estágio de evolução do capitalismo. Essa atual revolução tecnológica e informacional permite não apenas manter e incrementar o poder econômico, mas legitimar suas influências políticas, sociais e culturais.

2 Pensar a educação na era das Tecnologias da Informação e Comunicação

Sem dúvida, as TIC'S têm transformado a sociedade, alterando, de forma bastante significativa, a cultura, os métodos e as formas de ensino tradicional, criando novos cenários de formação em qualquer tempo e espaço. Por tecnologias, entendemos, como Castells (1999), um conjunto de processos e produtos oriundos de ferramentas (software e hardware), suportes de informação e canais de comunicação relacionados com o armazenamento, processamento e transmissão digitalizados de informação.

É importante salientar que essas tecnologias têm como características a materialidade, a interatividade, instantaneidade, inovação, elevados parâmetros de imagens e sons, digitalização, influência de processos sobre os produtos, automatização, interconexão e densidade (ÁREA, 2001). Essas tecnologias têm sido consideradas por alguns estudiosos como uma estratégia adequada e útil na formação de trabalhadores e postos de trabalho. Configurando um contexto que oferece possibilidades em todos os níveis, as tecnologias modificaram nossa maneira de viver, conhecer, atuar e de nos relacionarmos com o outro, sem barreiras geográficas, temporais e espaciais.

As tecnologias têm, portanto, uma enorme importância na educação, e sua interatividade permite que o emissor e o receptor possam permutar saberes e intercambiar

mensagens. Embora reconheçamos que a educação é um setor tradicional pouco dado a novidades e intercâmbio e menos ainda às tecnologias, deve-se reconhecer que as TIC's têm um papel relevante para as tarefas que ali se realizam. Há certo receio de incorporar essa novidade, mas também sabemos que as TIC's afetarão a educação formal de múltiplas formas.

Os seus defensores garantem que a sociedade do futuro será uma sociedade do conhecimento e que a educação e a formação serão, indubitavelmente, os principais vetores de promoção social. Aliado a isso, a Comissão Européia sustenta que, através da educação e formação, adquiridas em um sistema educacional, empresa ou informal, os indivíduos terão seu futuro e direitos garantidos.

Essa educação deve prolongar-se ao longo de toda a vida e a formação e atualização permanente são elementos-chave para uma sociedade desenvolvida e moderna. Por essa razão, a sociedade da informação e do conhecimento deverá criar mecanismos necessários para que a formação continuada alcance grandes quantidades de pessoas que, certamente, vão necessitar de novos conhecimentos, habilidades, destrezas (MINGUELL; FONT, 2001).

Essas alterações exigem mudanças de paradigmas e a substituição dos modelos educacionais de educação. Nesse contexto, a educação tem sido convocada para reconsiderar essas alterações, inserindo um modelo pedagógico que atente para as funções de diferentes elementos que intervêm no processo educativo: aluno, professor, currículo, família, contexto, recursos e outros, valorizando a importância destes por todas as fases do desenvolvimento profissional.

A tônica da educação, nessa sociedade da informação e do conhecimento com seus aparatos tecnológicos, volta-se intensamente para formação, entendendo-a como um processo que se expande por toda a vida do indivíduo. Em relação a este, o novo modelo educacional propõe que o aluno seja capaz de “aprender a aprender” e construir novos conhecimentos a partir de sua experiência, sem perder de vista aqueles elementos necessários à formação do indivíduo que vão surgindo em sua trajetória pessoal e profissional.

Nesse ponto de vista, dialogamos com Minguell e Font (2001) quando assinalam que o modelo pedagógico de ensinar precisa deixar de ser um sistema baseado na transmissão de conhecimentos, valores e cultura geral do professor para o aluno. Na sociedade da informação e do conhecimento, supõe-se um modelo centrado mais na aprendizagem do que no ensino, mais no aluno do que no professor, capaz de ajudar as pessoas a conseguirem seus próprios objetivos e metas.

O autor chama a atenção para um dado importante: desfazer a crença de que é possível criar um modelo hegemônico para todos os indivíduos, uma vez que observar as diferenças é fundamental. Trata-se de facilitar os recursos materiais, pessoais e de formação que permitam empregar os meios e recursos disponíveis para a realização pessoal de distintos indivíduos.

Essa tarefa, no ensino de LP, requer uma oferta educativa, tecnológica e linguística capaz de atender às necessidades dos alunos, cada vez maiores e diferenciadas. Nesses aspectos, em nosso entender, o docente deverá reunir os recursos disponíveis e as estratégias criativas e inventivas que possam dar conta dos usuários cada vez mais

exigentes e conhecedores dos novos meios ou tecnologias. Ao tratar dessas questões, asseguram Minguell e Font (2001, p. 327), que a escola deve “facilitar ao máximo o acesso e criar materiais que ofereçam melhores serviços” (Tradução nossa).

Como podemos ver, as TIC's superaram os tradicionais modos de se expressar por meio da oralidade e da escrita, impondo novos meios de transmissão da informação, de domínio da língua, diversas formas de expressar a comunicação e disseminação do conhecimento e da cultura acumulada.

Nessa sociedade da informação e do conhecimento, a digitalização da informação e as redes de comunicação propiciadas pelo avanço das tecnologias ampliaram os métodos de ensinar a língua, deslocando, assim, as limitações de tempo e espaço.

Com o nascimento das redes informacionais, surge um dos fenômenos poderosos da comunicação: a Internet com seus programas e infraestrutura que possibilitam a navegação de milhões de pessoas que atuam sobre ela, interagindo, tomando decisões, constituindo uma grande comunidade que troca relações, interesses e outras atividades, utilizando também o “hipertexto” que constitui blocos de informação, envolvendo imagens, sons, sequências animadas e textos múltiplos.

O hipertexto mudou o modo de ler, escrever e ensinar a LP. De acordo com Minguell e Font (2001), a leitura de um hiperdocumento depende de cada um dos leitores. A forma como o hipertexto é formado na estruturação do modelo/rede proporciona grande liberdade ao leitor, permitindo passar de um texto ao outro, de um documento a outro, de um ponto ao outro, com facilidade. Esse cenário digital possibilita situações aos usuários ou leitores, podendo estes serem autores e leitores ao mesmo tempo, “saltando por cima de obstáculos, recordando certas informações, tomando decisões frente a determinadas situações, formulando hipóteses, solucionando problemas” (MINGUELL; FONT, 2001, p. 334).

Mas, como sublinha o autor, para o indivíduo inserir-se nesse contexto, dependerá das possibilidades tecnológicas do momento. Na educação, no entanto, a mudança de paradigma não exige apenas o deslocamento do modelo formal, é preciso modificar o pensamento e, nesse sentido, as TIC's estão produzindo uma paisagem que vai das aulas virtuais mediadas pela docência, onde os meios são elementos integrantes do processo formativo, tratando-se de um modelo pedagógico em que o docente deve atuar como instrutor, facilitador, orientador, para priorizar o sujeito que aprende.

Por isso, para mudar é preciso entender que "o cerne da transformação que estamos vivendo na revolução atual refere-se às tecnologias da informação, processamento e comunicação," afirma Castells (1999, p. 50-1), que completa: "As novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas nos processos a serem desenvolvidos."

A afirmação de Castells (1999, p. 28) antecipa e esclarece o conceito de tecnologias da informação, entre as quais inclui o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações/rádiodifusão e optoeletrônica. Lévy (1999, p.28) coloca que tecnologias “recobre na verdade a atividade multiforme de grupos humanos, um devir coletivo complexo que se cristaliza sobretudo em volta de objetos materiais, de programas de computador e dispositivos de comunicação."

O avanço e a disseminação dessas tecnologias, possibilitando o acesso às mais recentes descobertas científicas, diminuindo distâncias e interconectando as pessoas dos mais diversos cantos do planeta, criam modos diferentes de convivência e de interação, e como consequência, no campo educacional, coloca-se o desafio de integrar a cibercultura emergente ao universo "limitado" do conhecimento e saberes dos alunos. Segundo Guimarães e Dias,

Torna-se cada vez mais necessário um fazer educativo que ofereça múltiplos caminhos e alternativas, distanciando-se do discurso monológico da resposta certa, da sequência linear de conteúdos, de estruturas rígidas dos saberes prontos, com compromissos renovados em relação à flexibilidade, à interconectividade, à diversidade e à variedade, além da contextualização no mundo das relações sociais e de interesses dos envolvidos no processo de aprendizagem (GUIMARÃES; DIAS, 2002, p. 45).

Em conformidade, como consequência do que os autores afirmam, o ensino da língua centrado na transmissão e recepção compartimentalizada cederá espaço ao ensino voltado para as novas maneiras de pensar, respeitando o "savoir – faire" dos alunos, e em sintonia com o ciberespaço. Não se coloca com isso que se devam usar obrigatoriamente as tecnologias intelectuais em sala de aula, mas deve-se, na opinião de Lévy (1999, p. 172), "acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo os papéis de professor e de aluno."

Nessa direção, para Geraldi (1997), o trabalho com textos é a especificidade do ensino de LP. Por isso, o professor dedica esforços, tempo e recursos ao trabalho com leitura e escrita. Mas poucos compreendem que ler e escrever significa poder interpretar qualquer texto e saber expressar as próprias ideias, em qualquer linguagem; assim, para facilitar esse processo, o professor pode dispor dos recursos tecnológicos disponíveis, mas deverá saber encontrar os pontos de interação entre sua visão sobre o ensino, as necessidades dos alunos e a utilização desses recursos. De acordo com Valente,

Isso significa que, sem o conhecimento técnico, será impossível implantar soluções pedagógicas inovadoras e vice-versa, sem o pedagógico os recursos técnicos disponíveis tendem a ser subutilizados. Afirmar que tais conhecimentos devem ser casados é muito fácil. Porém isso implica maior profundidade na formação de professores e mudanças substanciais na concepção de educação (VALENTE, 1999, p. 21).

Anterior a esse contexto, e mais ainda em decorrência dele, sob o ponto de vista de alguns escritores, como: Aquino (2000a e 2000b); Kleiman (1995; 1999); Lajolo (1993); Geraldi (1997); Suassuna (1995) e Gnerre (1998) estão as reflexões sobre leitura e escrita.

Destacando as ideias de Gnerre (1998, p. 41), é possível considerar que a

[...] a escrita, e a reflexão do impacto da escrita sobre as sociedades humanas, veio a ser um objeto de interesse quando ela, assim como praticada em moldes e formas tradicionais, parece ter já alcançado o seu apogeu e estar prestes a se tornar uma atividade obsoleta. Enquanto os centros importantes de decisões manipulam bilhões de dados e de informações através de toda uma série de novas tecnologias, a escrita tradicional vai perdendo lentamente a sua posição, antes exclusiva – e, neste processo, torna-se aos poucos também um objeto de reflexão.

Em referência aos objetivos e propósitos para a leitura, Kleiman (1995, p. 30) afirma que a realidade da escola ainda não colabora para que se definam objetivos voltados especificamente para leitura, pois esta continua como uma atividade acessória, servindo apenas de “pretexto para cópias, resumos, análise sintática, e outras atividades do ensino de língua”.

Corroborando com esse ponto de vista, Lajolo (1993, p. 108) acrescenta que não basta apenas abrir uma discussão sobre a leitura; é necessário, sobretudo, que os profissionais que trabalham de forma mais direta com ela dediquem-se com maior empenho, praticando-a com responsabilidade, ou seja, “um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê”.

Por isso é que, após essas afirmações, podemos dizer que as considerações sobre leitura e escrita não se encerram aqui, uma vez que o universo social e cultural no qual se situam é bastante amplo, ultrapassa os muros da escola, exige formação do professor, para repensar a sua função e a função do aluno como leitores, produtores de texto, no contexto do mundo informatizado. Concordamos, portanto, com Freire (1996, p. 43) quando afirma: “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”.

Sob o ponto de vista de Geraldi (1997), que diz que o trabalho de Língua Portuguesa, na escola, caracteriza-se, cada vez mais, pela presença de textos, seja como objetos de leitura, seja como trabalhos de produção; e entendendo que a utilização das tecnologias da informação (na prática educativa) e de seus recursos informáticos funciona como ferramentas de suporte ao processo educativo, o trabalho para a aprendizagem da língua, referida por Geraldi (1997), pode passar a contar com o suporte de todo esse aparato tecnológico, uma vez que possibilita a organização do conhecimento de uma área determinada, e o aluno passa a interagir com o objeto de estudo específico.

Dessa forma, a prática educativa faz a mediação entre os alunos e o acesso ao conhecimento, através de diversos meios e metodologias, fazendo do espaço escolar um espaço interativo, porque, sobretudo é participativo, o professor assumirá um papel diferente: não será apenas o transmissor do conhecimento, será o facilitador, intermediando a comunicação, as experiências, enfim, situações de aprendizagem, conseqüentemente, ajudando a construir a cidadania, no exercício da interação.

Isso se evidencia bem na afirmação de Lévy (1999, p. 171): “A partir daí, a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento.” Nessa perspectiva, a formação de professores adaptada às necessidades atuais é um dos alicerces básicos a todo processo de reforma educativa porque “uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo” (FREIRE, 1996, p. 31).

Todo o suporte das Tecnologias da Informação e comunicação pode-se tornar, aliado a uma prática docente nova e diversificada, indispensável à educação que pretenda preparar o aluno para a autonomia, para a criatividade, para a produção de seus próprios saberes e para viver as relações sociais que estão sendo definidas pelos novos meios e linguagens. E esse também será um aluno diferente. E o seu papel é de construtor do seu

conhecimento, pois terá uma função atuante no processo do qual é o elemento principal, pois que deve ser o sujeito de suas descobertas, de suas aprendizagens, atuando, participando, contextualizando e transformando suas experiências em compromisso com o mundo para agir e para mudar. Isso se dará, segundo Garcia (2001, p. 64), "por pretender a formação do homem, não de qualquer homem, mas de um homem fraterno, solidário, tolerante e aberto à alegria de novas experiências."

Dessa forma, a visão favorável de Lévy (1993, 1999) à inserção e uso das TIC's, para facilitar as mudanças na educação, e na forma de produzir/adquirir novos saberes, aliando-se à forma de trabalhar língua/discurso histórico-social-ideologicamente, defendida pela AD, constituem, para nossa pesquisa, o ponto central.

3 Novas linguagens na educação escolar

Sob os mais diversos aspectos, "a linguagem continua a participar decisivamente da constituição das coisas, gentes e idéias" (IANNI, 2002, p.25). Constitui as relações, os processos e as estruturas da vida social em geral, tanto quanto as produções e criações que conformam a sociedade, em âmbito local, nacional, regional e mundial, afirma Ianni (2002). Esse autor acrescenta, ainda, que, por isso, a linguística, a filosofia da linguagem, a sociolinguística, a etnolinguística, entre outras ciências, têm contribuído bastante para o funcionamento da linguagem, e que, com o "giro linguístico do século XX, outras e novas possibilidades de reflexão e descoberta sobre os mais diversos aspectos foram enunciadas" (IANNI, 2002, p. 25).

De acordo com o posicionamento desse autor, ao afirmar que a linguagem é que constitui, em síntese, a nossa vida e que diversas ciências se dedicam a analisar o seu funcionamento, consideramos importante destacar do pensamento de Ianni (2002) a indicação de "outras e novas possibilidades", pois isso nos leva a incluir aí as Tecnologias da Informação e comunicação, as quais possibilitam não apenas refletir sobre a linguagem, mas, principalmente, descobrir novas formas de se trabalhar a linguagem, de produzir conhecimentos.

Considerando, a partir dessas afirmações, que a aprendizagem de LP se dá no exercício de operação com a linguagem, e que não pode estar dissociada da cultura na qual os educandos estão inseridos, porque essa cultura envolve todo um processo de comunicação e elementos culturais propostos pela família e pela sociedade, faz-se necessário, uma vez que é possível, que a escola analise o problema da comunicação, analisando-se e aos educadores, os quais precisam estar habilitados para atuarem como comunicadores, utilizando meios e "linguagens" conectadas ao novo mundo do saber, inserindo e fazendo uso do suporte técnico e tecnológico da comunicação e informação.

Nesse sentido, a escola deve estar sintonizada com as novas exigências intelectuais que as tecnologias nos impõem, e cabe à educação produzir e socializar os saberes, preparando o alunado para agir no mundo competentemente, pois

[...] uma das muitas missões hoje atribuídas ao sistema escolar é a de capacitar os alunos para decifram e interpretarem o mundo em que vivem e poderem contribuir, a partir dos conhecimentos, das habilidades adquiridas ou

desenvolvidas no sistema educativo, com o sistema produtivo, social e cultural (GIL, 1999, p. 12).

Parafrazeando as ideias de Bustamante (2001), entendemos que as tecnologias na comunicação e na educação exigem a criação de conteúdos de qualidade e adaptados às culturas e necessidades locais, uma metodologia comunicativa e discursiva que ofereça um novo conceito de conhecimento e sua transmissão, um novo conceito de ensino de LP, novos recursos didáticos e novos instrumentos a serem apropriados adequadamente pelos usuários individuais e coletivos.

Essa tarefa requer não somente a mudança da posição do professor-transmissor, mas o professor-comunicador e políticas públicas educacionais capazes de suprir as escolas com os recursos eletrônicos necessários, pois a educação da escola à Universidade só poderá ter uma função proeminente na sociedade da informação e comunicação se puder exercer o papel de protagonista na expansão universal e equilibrada dessa sociedade da informação e do conhecimento.

Trata-se, porém, de linhas de ações que possam suprir tais necessidades, pois o desafio básico é o de que essas tecnologias sejam de domínio público generalizado. Além disso, nota-se a ausência de docentes preparados para dominar termos como multimídia, hipertexto, Wikis, blogs, web, interatividade, hipermídia e outros que se expandem no volume de informação trazido pelas TIC's.

4 Novos tempos-espacos para a escola

O cerne da questão que se discute não é apenas a introdução de novas tecnologias nas salas de aulas, mas, sobretudo, rever a forma de atuação e construção dos currículos escolares, já que é inevitável o célere avanço tecnológico, que estimula novas formas de pensamento e de concepção de mundo, evidenciando, dessa forma, que é impossível para a escola construir conhecimentos isolando-se das influências de seu ambiente, pois em um mundo como o atual, plural, multicultural, será impossível educar dos muros para dentro, sem adequar conteúdos e metodologias à nova realidade imposta pelos meios de comunicação e informação.

O relatório organizado por Delors et al (2000) produzido para a UNESCO imputa uma grande responsabilidade à educação que deve favorecer e permitir de modo eficaz que o educando desenvolva cada vez mais saberes adequados à sociedade do conhecimento e da informação. Para que essa proposta se efetive é preciso que a educação esteja alicerçada em torno de

[...] quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: *aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes (DELORS et al, 2000, p. 89-90). **Ênfase em itálico no original.**

Esses quatro pilares harmonizam-se e constituem o princípio básico de todo processo educativo que tem por finalidade a formação integral do cidadão, para que este

possa não somente ter acesso ao conhecimento, mas desenvolver suas habilidades e potencialidades para agir no mundo produtivo com competência, aliando ensino e o reconhecimento dos saberes.

É imprescindível que a escola considere o contexto mais amplo no qual os alunos estão inseridos. Segundo Lévy (1993), por sua natureza histórica, as escolas fundamentam-se em relações baseadas na oralidade, na leitura e na escrita; por isso há a necessidade de conhecer novas e diversas linguagens para incorporar às práticas pedagógicas as novas formas, os novos instrumentos e os novos recursos que lhes possibilitem ajustar-se a uma realidade na qual as relações se modificam constantemente.

A escola é, sem dúvida, o melhor lugar do mundo para preservar o que há de melhor em nossa cultura oral-escrita, mas essa função tradicional não pode exilar das práticas educativas as novas falas, as novas escritas e as novas leituras que tecem o sentido de nossa experiência cotidiana (MONTEIRO; FELDMAN, 1999, p. 39).

Entendendo, portanto, que o espaço da escola deve ser flexível, aberto, e que nele se deve realizar constantemente a busca pelo aprender; assim, é possível acompanhar a evolução, ou revolução tecnológica e abrir-se para as novas e diferenciadas formas de produção e descoberta de saberes, que dificilmente terão um significado se o aluno os receber estática e mecanicamente, incorporando conteúdos isolados, sem que possa relacioná-los a sua existência individual e coletiva. Deve a escola, então, propiciar situações problemáticas, levando os alunos a reelaborarem o conhecimento, para romper definitivamente com a prática tradicional que determina que todos devem aprender as mesmas coisas da mesma maneira.

Dessa forma, cabe aos educadores descobrirem e utilizarem metodologias que desenvolvam nos alunos senso crítico, para que estes se tornem capazes de se expressar e criticar, dialogar, com autonomia, interagindo com seu universo audiovisual e virtual, lendo e interpretando o que vêem; e aqueles devem perceber que “[...] o tempo que, na escola tradicional, era consumido com o estudo da gramática e da sintaxe da língua escrita, além da literatura, agora precisa ser compartilhado com o estudo das múltiplas linguagens e seus diferentes gêneros” (MONTEIRO; FELDMAN, 1999, p. 41). Porque o tempo que nos desafia é o tempo presente, não o passado. O tempo presente comanda nosso dia-a-dia, a cada instante. E a escola deve estar sintonizada com ele e vivenciar o processo de mudanças, mantendo-se alerta às relações de saber que, conseqüentemente, estão implícitas nessas mudanças, transformando nossa existência.

Por isso, pensar a inserção de novas tecnologias no espaço escolar requer uma reflexão sobre o nosso presente,

[...] que é sempre um espaço-tempo de agenciamentos, de gestação de um futuro para cada um de nós e para as outras formas de vida com as quais compartilhamos o planeta Terra. É narrar uma época caracterizada pela invenção de máquinas, possibilitadas pelos notáveis avanços da indústria microeletrônica. É pensar em sociedades onde a disseminação de novos artefatos, ligados às ciências e à tecnologia, condicionam cada vez mais nossa vidas (SOMMER, 2001, p. 107).

Em decorrência disso, é imperioso “aprender a aprender” a lidar com todo esse aparato que cria novos textos, com escrita e leitura novas, novas formas de conviver e interagir uns com os outros, e com o mundo virtual.

Assim, de acordo com Kenski (2000, p. 133), “a escola precisa investir na formação de leitores por diversos caminhos e linguagens. Precisa também ampliar suas concepções de linguagem, de leitura e de escrita para incorporar as mediações textuais feitas a partir do uso das tecnologias digitais.” Aproveitando, com isso, a capacidade que os recursos tecnológicos possuem de conduzir à interação e à construção de diferentes tipos de textos, e, conseqüentemente, possibilitando um outro tipo de processo informativo, que permitirá a ressignificação e a reconstrução dos objetos de estudo. E, considerando o contexto dos sistemas informacionais, afirma Kuenzer (2001, p. 144) que “a promoção do domínio, das diferentes linguagens passa a ser uma das finalidades mais importantes da escola.” Já que prepara cidadãos para atuarem numa sociedade em constante metamorfose, esses deverão ter um amplo domínio acerca das diversas formas de linguagem, saberem distinguir, criticamente, seus usos e finalidades implícitos. Isso exige uma mudança de postura e um novo modo de pensar a relação entre mundo – linguagem – educação.

Conclusão

Pensar as TIC’s relacionando-as à educação tem se mostrado um tema de grande importância e necessidade, pois, ao que nos parece, há um certo silenciamento sobre o que, na prática das salas de aula, tem sido efetivado em relação ao uso das TIC’s.

Consideramos que é fundamental discutir a prática docente como um todo, e não apenas de LP, no sentido de se repensar posturas relacionadas a práticas centradas em livros didáticos, apostilas, exposição oral e práticas centradas em recursos disponibilizados a partir das TIC’s. Referimo-nos, nesse sentido, em especial, ao uso do computador e do data show vistos, por muitos, como recursos primordiais para o desenvolvimento do processo ensinar/aprender.

Entendemos, por conseguinte, que é urgente e necessário construir novas e variadas práticas, com abordagens e métodos de ensino que respeitem a criatividade dos educandos e seus interesses pessoais, para que se possa facilitar o processo de descoberta, reconhecimento e construção dos saberes individuais e coletivos dentro da dinâmica de um mundo globalizado e conectado. Para isso, é imperioso articular conhecimentos de diversas áreas, tais como a Educação, a Psicologia, a Informática, a Sociologia, a Filosofia, entre outras, pois as TIC’s vêm exigindo novas posturas, novos comportamentos e atitudes de todo indivíduo que está aberto a “aprender a aprender”. Isso, a nosso ver, é o desafio atual a ser enfrentado por todos nós.

Referências

AQUINO, Mirian de Albuquerque. **Leitura e produção:** desvelando e (re)construindo textos. João Pessoa: UFPB: 2000a.

_____. (Org) **Leitores e leituras:** narrando experiências em sala de aula. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000b.

- ÁREA, Manuel Moreira. **Educar en la sociedad de la información**. Bilbao: Editorial Descleé de Brouwer S.A., 2001.
- BUSTAMANTE, E. **Era Digital**: por um Nuevo concepto de Servicio Público em La Cultura y educación. In: Área, M. **Educar em la sociedad de la información**, Bibao: Editorial Desclèe de Brouwer, S. A. 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 5. ed. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DELORS, Jacques *et.al.* **Educação**: um tesouro a descobrir. 4. ed. São Paulo: Cortez/Brasília: MEC:UNESCO, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GARCIA, Pedro Benjamim. Paradigmas em crise e a educação. In: BRANDÃO, Zaia (org.) **A crise dos paradigmas e a educação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GIL, Juana M. Sancho. A caixa de surpresas: possibilidades educativas da informática. **Pátio - Revista Pedagógica**, ano 3, n. 9, maio / jul. 1999.
- _____. Repensando el significado y metas de la educación em la sociedade de la información. El efecto fractal. In: Área, M. **Educar em la sociedad de la información**. Bibao: Editorial Desclèe de Brouwer, S. A. 2001.
- GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- GUIMARÃES, Ângelo de Moura e DIAS, Reinildes. Ambientes de aprendizagem: reengenharia da sala de aula. In: COSCARELLI, Carla Viana (org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- IANNI, Octavio. Língua e sociedade. In: VALENTE, André (Org.). **Aulas de português: perspectivas inovadoras**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- KENSKI, Vani Moreira. Múltiplas linguagens na escola. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 4.ed. Campinas: Pontes, 1995.
- _____. Concepções da escrita na escola e formação do professor. In: VALENTE, André (org.). **Aulas de português: perspectivas inovadoras**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- KUENZER, Acácia Zeneida. Educação, linguagens e tecnologias: as mudanças no mundo do trabalho e as relações entre conhecimento e método. CANDAU, Vera Maria (org.). **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- _____. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MINGUELL, Estebanell; FONT, Josefina Ferrés. Espacios virtuales y educación a distancia. In: ÁREA, Manuel Moreira. **Educación en la sociedad de la información**. Bilbao: Editorial Descleé de Brouwer S.A., 2001.

MONTEIRO, Eduardo; FELDMAN, Márcia. Mídia-educação e cidadania na era da informação. **Pátio Revista Pedagógica**, ano 3, n. 9, maio / jul. 1999.

SOMMER, Luís Henrique. Novas tecnologias: que mundo produzimos? In: VEIGA NETO, Alfredo *et. al.*, SCHMIDT, Saraí. (org.) **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SUASSUNA, Livia. **Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática**. Campinas: Papirus, 1995.

VALENTE, José Armando. Informática na educação: uma questão técnica ou pedagógica? **Pátio Revista Pedagógica**, ano 3, n. 9, maio / jul. 1999.